

OS MÚLTIPLOS PRESSUPOSTOS DAS PSICOLOGIAS

Gabriel Almeida Assumpção

MOES, P.; RIEK, B. M. *Integrando psicologia e fé: modelos para um engajamento cristão*. Trad. E. Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024. (Coleção fé, ciência & cultura). 208 p. Título original: *Integrating psychology and faith*.

A obra dos professores Paul Moes e Blake Riek surge da experiência em sala de aula deles com cursos de Psicologia e Religião na Calvin University em Grand Rapids, Michigan, EUA (MOES; RIEK, 2024, p. 11). Ela pode ser dividida em três partes, duas explícitas e uma implícita: a primeira, analítica, é o foco de nosso estudo. Ela trata dos fundamentos filosóficos das ciências naturais: cosmológicos, que dizem respeito à natureza, ao meio físico; ontológicos (relacionados à realidade e à sua estrutura); epistemológicos, que concernem ao conhecimento; e teleológicos, que se relacionam ao problema dos fins (propósitos, objetivos) da natureza e da Criação, se eles existem ou não no mundo.

Ainda na primeira parte, são discutidos fundamentos filosóficos das ciências humanas: teleológicos (nesse caso, acerca do propósito nas ações humanas e no curso da história); antropológicos (conceitos de ser humano e de pessoa) e axiológicos (questão de valores, como o bem e o belo). Em seguida, discute-se como a psicologia contemporânea em várias de suas vertentes (psicanálise, análise do comportamento, neurociências, psicologia cognitiva e psicologia positiva) e a religião cristã lidam com questões de ordem teleológica, axiológica, cosmológica, epistemológica e antropológica.

A segunda parte, sintética, inicialmente discute posturas reducionistas como o materialismo, o determinismo, e o reducionismo bíblico, mostrando como interferem na teoria e na prática psicológica. Pontos fortes da obra de Moes e Riek são os capítulos 7 e 8, em que os autores abordam modelos complementares para a relação entre psicologia e religião. O que chamamos “terceira parte” não está explícito como tal no índice, tratando-se da conclusão reflexiva e de complementos críticos: um apêndice sobre a questão da pessoa, a vasta bibliografia e um índice remissivo, que auxiliam a encontrar os temas do livro e a continuar os estudos por conta própria.

Ao fim de cada capítulo, há questões para debate, que fomentam a reflexão e tornam a leitura mais dinâmica. Um ponto fraco na obra, em contraste, é a repetição de anúncios do que será feito em capítulos seguintes, algo que se mostra supérfluo por já estar no índice e por decorrer naturalmente da própria argumentação dos autores, que seria ainda mais fluida se não fosse o excesso desses anúncios.

Os objetivos da obra são (a) classificar os pressupostos subjacentes à intersecção entre psicologia e crença religiosa (parte I); (b) classificando, em seguida, as implicações de diferentes abordagens dessa intersecção para a fé cristã (parte II), apresentando diversos

modelos de como a fé pode se relacionar com a psicologia em sua teoria e prática. Os autores acrescentam, no primeiro capítulo, um terceiro objetivo: (c) explicar como e por que as pessoas escolhem modelos distintos. O público-alvo, por sua vez, consiste de cristãos interessados em psicologia. Tangencialmente, a obra busca cativar também não-cristãos interessados nas relações entre fé e psicologia (MOES; RIEK, 2024, p. 13; 18).

Os autores mostram abertura de pensamento e encorajamento ao leitor/à leitora para se investigar por conta própria, tendo ciência que o diálogo com a psicologia exige revisão e renovação constantes (MOES; RIEK, 2024, p. 14), sendo apropriado falarmos de Psicologias (FIGUEIREDO, 2009; BOCK; FURTADO & TEIXEIRA, 2001).

Algo digno de mérito na obra é que ela frisa o caráter necessariamente incompleto da ciência psicológica, pois o comportamento humano não é possível de se compreender em todas suas nuances e interrelações (MOES; RIEK, 2024, p. 23). No capítulo 1, a obra trabalha cosmovisões, ou concepções de mundo, lentes com as quais se enxerga a realidade. Elas se desenvolvem ao longo da vida, sendo resultado de influências culturais, experiências pessoais, educação religiosa e uso de mídias sociais. Cosmovisões auxiliam a conferir sentido ao mundo, dando senso de coerência à vida e à realidade, recorrendo à experiência imediata, à imaginação, à razão e à fé (MOES; RIEK, 2024, p. 22; LIMA VAZ, 2022, p. 40-50).

As cosmovisões são formadas pela soma da concepção de mundo físico (cosmologia), da ontologia (concepção de realidade, se há determinismo ou não, se a essência das coisas é material ou se há outro tipo de substância além da matéria), da teleologia (noção de propósito no mundo) da antropologia (concepção de ser humano, se sua natureza é dual ou não, se ele tende ao bem ou ao mal, se ele é ou não dotado de livre-arbítrio) e da axiologia (concepção de certo ou errado, se princípios morais são eternos ou situados historicamente) (MOES; RIEK, 2024, p. 23-24).

A cosmovisão se ancora em noções epistemológicas e antropológicas: por exemplo, uma teoria do conhecimento positivista tende a favorecer uma visão naturalista de ser humano, como no caso da análise comportamental do comportamento ou na sociobiologia de Richard Dawkins, em sua obra *O gene egoísta* (1976), segundo a qual organismos – inclusive humanos – são apenas veículos que buscam transmitir genes, os replicadores. A única teleologia concebível, nesse caso, seria a sobrevivência e a transmissão dos genes pela posteridade, e a única axiologia seria a da sobrevivência como valor (MOES; RIEK, 2024, p. 26-35). O livre-arbítrio seria visto como uma ilusão. Todavia, mesmo em Dawkins há um elemento de esperança quanto ao potencial do humano, nas palavras finais de sua obra mais famosa: “Somos construídos como máquinas de genes e educados como máquinas de memes, mas nós temos o poder de nos voltar contra nossos criadores. Apenas nós, na Terra, podemos nos rebelar contra a tirania dos replicadores egoístas” (DAWKINS, 2006, p. 201)¹.

¹ No original, em inglês: “*We are built as gene machines and cultured as meme machines, but we have the power to turn against our creators. We, alone on earth, can rebel against the tyranny of the selfish replicators*”.

A apresentação das abordagens psicológicas é bem resumida, mas adequada aos propósitos da obra. No caso da psicanálise freudiana, para fins ilustrativos, mostra-se como o conceito de inconsciente conduz a uma visão determinista de mundo, havendo um papel importante para o corpo como possível fonte dos processos psíquicos inconscientes e um horizonte limitado de redenção restrito ao controle dos próprios impulsos. Não há teleologia, sendo ela limitada a uma ilusão humana. As posturas de Dawkins e de Freud são usadas, na parte II (capítulo 6) como exemplos de reducionismo científico (MOES; RIEK, 2024, p. 55-57; 94-95).

Sobre as perspectivas da religião contemporânea, elas são restritas ao Cristianismo, enfatizando o conceito de graça (que diz respeito a ações de Deus em relação ao mundo e ao ser humano, bem como à vocação desse), e resgatando a ideia do teólogo norte-americano Helmut Richard Niebuhr (1894-1962) sobre cinco abordagens para a relação entre Cristo e cultura – que também devem ser entendidas, segundo os autores, como a relação entre Igreja e cultura: (1) Cristo **contra** a cultura; (2) Cristo **da cultura**; (3) Cristo **acima** da cultura; (4) Cristo e cultura **em paradoxo**; (5) Cristo, o **transformador da cultura**. No caso (2), o mundo natural é distinto do sagrado, mas cristãos têm liberdade para se engajar ou não na cultura. Trata-se de uma religiosidade mais progressista ou liberal, em maior integração com a sociedade. No caso (3), menor valor é conferido às atividades culturais, mas não é proibido participar delas. No caso (4), tem-se maior condenação do mundo social e natural, havendo uma ideia pessimista de não se poder mudar muito a realidade. Impactos negativos das posturas (2), (3) e (4) podem surgir porque elas separam a vida social da vida religiosa. Nesses casos, trata-se de cristãos com pouco impacto na ciência (MOES; RIEK, 2024, p. 73-79).

O caso (1) tem como exemplo clássico o gnosticismo do início da Era Cristã e a perspectiva anabatista, comunidades *amish*, o fundamentalismo cristão, entre outras perspectivas. O caso (5), o mais importante para os autores, mostrará cristãos como agentes de mudança. Na parte II, algumas dessas posturas são vinculadas a diferentes modelos de integração: (2) corresponde ao territorialismo e ao perspectivismo; (4) ao perspectivismo e ao integracionismo; (5) ao integracionismo e aos humanizadores da ciência (MOES; RIEK, 2024, p. 73-79; 132-161).

O territorialismo é uma separação radical entre investigação psicológica e teológica, cabendo diferentes tópicos a disciplinas diferentes. A psicologia estudaria memória, depressão e aprendizagem, enquanto a teologia estudaria moralidade, vida após a morte e ressurreição, por exemplo. O perspectivismo veria as duas ciências como complementares, como no caso do estudo do perdão. O integracionismo, por sua vez, busca reconhecer a influência dos valores e dos julgamentos do pesquisador em seu fazer científico (MOES; RIEK, 2024, p. 131-141).

Falta, na parte II da obra, o papel mediador da filosofia que se nota na parte I, especialmente no que diz respeito à questão ética, que fica a cargo da teologia, e não da filosofia. Para uma ponte entre teologia e ciências psicológicas, a filosofia se mostra um mediador neutro, que transita tanto pelo religioso quanto pelo secular, e à qual cabe um papel central na reflexão axiológica – portanto, ética (DRAWIN, 1985, p. 14-17).

Também na parte II, mostram-se posturas reducionistas, o reducionismo científico supracitado, que falha em fazer afirmações que vão além dos dados empíricos de apoio, entrando em contradição com a proposta de se basear apenas em dados e o reducionismo

bíblico, ilustrado principalmente com Jay Adams, que foca excessivamente no pecado pessoal, confere papel reduzido à corporificação e que, do ponto de vista ético, faz algo que seria muito questionável no Brasil, propondo evangelizar não-cristãos (MOES; RIEK, 2024, p. 105), o que fere o Código de Ética do Psicólogo em nosso país, que zela pela liberdade de crença religiosa (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022, p. 9). Inclusive, na seção sobre ética profissional, na conclusão da obra, não há menção a esse respeito à crença alheia – uma lacuna na obra, a nosso ver (MOES; RIEK, 2024, p. 176).

Os autores mostram honestidade intelectual e maturidade ao apresentar tanto os reducionismos quanto os modelos de integração, apontando seus prós e contras. Não é diferente no caso dos humanizadores da ciência, foco do capítulo 8. Os humanizadores defendem que valores sempre impactam no processo científico, e cabe a nós sermos honestos quanto a isso. Trata-se de uma radicalização do integracionismo que enfatiza a importância do conhecimento compartilhado para se compreender plenamente o significado de uma ação como a prece. Um risco, aqui, é perder o que é específico da investigação científica das psicologias – o recurso às evidências experimentais e a trabalho de campo e/ou à clínica (MOES; RIEK, 2024, p. 157-169). A obra encerra com um olhar humanizador para a psicologias, direcionando o olhar para a busca de propósito, a participação comunitária e o uso do conhecimento como agente de mudança.

REFERÊNCIAS:

- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA M. de L. T.. (2001). *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 13ª ed. São Paulo: Editora Saraiva.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2022). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Resolução CFP nº 010/2005, de 27 de agosto de 2005. Disponível em: [WEB_29535_Codigo_de_etica_da_profissao_14.04-1.pdf](#). Acesso em: 22 fev. 2025.
- DAWKINS, R (2006). *The Selfish Gene. 30th anniversary edition*. New York: Oxford University Press.
- DRAWIN, C. R.. (1985). Ética e Psicologia: por uma demarcação filosófica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 5 (2): 14–17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931985000200005>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- FIGUEIREDO, L. C. M (2009). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.
- LIMA VAZ, H. C. de. (2022). *Filosofia da natureza e filosofia do mundo*. Ed. G. Assumpção e J. A. A. Mac Dowell. São Paulo: Edições Loyola
- MOES, P.; RIEK, B. M (2024). *Integrando psicologia e fé: modelos para um engajamento cristão*. Trad. E. Bauléo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024. (Coleção fé, ciência & cultura).

Gabriel Almeida Assumpção. Doutor em Filosofia (UFMG). Professor na PUC-Minas (Pós em Psicologia Positiva). Tutor à distância do Curso de Licenciatura em Filosofia, modalidade à distância, da UFSJ.

DOI: 10.26512/2358-82842023e57365

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Internacional License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).